

RASTROS DE FÉ: MEMÓRIAS E SABERES DA REZADEIRA JÚLIA NECO DE SALGADINHO – PB (1980-1990).

Ivo Fernandes de Sousa*

RESUMO:

O presente artigo visa analisar as contribuições sociais que teve a atuação da rezadeira Júlia Bezerra, mais conhecida como Júlia Neco, que foi a mais influente das muitas rezadeiras que atuaram, ou ainda atuam no município de Salgadinho – PB. Tentaremos por meio dos relatos orais colhidos com os moradores da comunidade local traçar o perfil dessa mulher que foi canal de cura para muitos que sofriam. Trabalharemos com os saberes, seus rituais, suas rezas e por fim suas representações, para demonstrar com essa mulher chegou a ser reconhecida pelos moradores locais como uma “boca santa”. Para construir esse trabalho recorreremos aos relatos orais com ênfase na entrevista de vida, pois é esse um importante meio de pesquisa para trabalhar a história dessa mulher, que não aparece nos arquivos oficiais, mas que desenvolveu uma função de extrema importância social.

Palavras - chave: Rezadeira, saberes e rezas.

INTRODUÇÃO

A prática de rezar é um ofício milenar, desde a antiguidade o homem buscou no divino a cura para suas enfermidades, em Salgadinho – PB não foi diferente, num lugar marcado pela ausência de médicos, hospitais, enfermeiras e até mesmo um pároco presente no momento da necessidade foram aos conhecimentos das rezadeiras a quem a população aflita teve que recorrer para se livrarem de seu sofrimento.

Fazer a abordagem da temática feminina em uma produção acadêmica não é algo fácil, já que o objeto de estudo foi colocado nos bastidores da produção histórica durante muito tempo, isso se deu porque “[o] ofício do historiador é um ofício de homens que escrevem a história no masculino”. (PERROT, 1988, p.185). Sendo assim tivemos na escrita da história um silenciamento da mulher, nossa pesquisa buscará por em evidência essa mulher e suas contribuições.

* Autor: Ivo Fernandes, graduando em História pela UEPB, e pesquisador pelo CNPQ, <http://lattes.cnpq.br/2067839557975139>. E-mail: Historivo@hotmail.com

Salientando que esse ofício que está em evidencia aqui é uma manifestação da cultura popular “que articula uma concepção do mundo e da vida em contraposição aos esquemas oficiais” (BOSI, 2008, p. 78). Perceberemos esse ofício como uma forma de resistência desenvolvida por essa mulher, que em um sociedade que se volta para o conhecimento científico ela manteve viva essa tradição, para isso usaremos o conceito de representação, pois;

As representações do mundo social assim constituídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses do grupo que as forjam. Daí, para cada caso o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. (CHARTIER, 1982, p. 17).

Trataremos de resgatar essas representações por meio da memória da população local, já que;

A memória como prioridade conservar certas informações remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças as, quais o homem pode utilizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passada. (LE GOFF, 2013, p. 419).

Memória essa que foi resgatada por meio dos relatos orais, não só colhidos como os familiares, mas também pessoas que conviveram com essa rezadeira, que durante o período em estudo estiveram recorrendo ao saber-fazer dessa mulher, no momento da necessidade,

Recorremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação embora muitas circunstâncias ha ele relativas permanecem obscuras para nós. (HALBWACHS, 2005, p. 29).

Ao tomarmos como referencial de pesquisa a cultura popular, percebemos que essa está cheia de atores sociais variados entre eles, as rezadeiras, como podemos perceber pelo relato da escritora Maristela Oliveira de Andrade, quando ela escreve que:

Aliás, esse tipo de crença é ainda muito forte na mentalidade coletiva no Brasil, identificada sobretudo como superstição do meio rural, onde a figura da benzedeira ou rezadeira é muito popular e requisitado para rezar as pessoas para afastar o “mau olhado” que acredita-se provocar inúmeras doenças, particularmente em crianças indefesas. (ANDRADE, 2000, p. 30).

Analisando o ritual adotado pela percebemos que;

Esses rituais são reencenações do passado, atos de memória, mas também tentativas de impor interpretações do passado, formar a memória, e assim construir a identidade social. São, em todos os sentidos, representações coletivas. (BURKE, 2000, p. 75).

Sendo assim compreender esses rituais torna-se muito importante para podemos perceber o saber dessa mulher, pois;

O rito não é da ordem do acessório, mas é modalidade de ser e de exprimir-se que medeia expressivamente, despertando as realidades silenciosas da fé: comprometendo o homem e o cosmo, nas articulações de toda ‘a linguagem’ verbal e não verbal. (BARCELOS, 2014, p. 51).

METODOLOGIA

Esse trabalho se apóia na metodologia da história oral, percorremos a comunidade entrevistando os moradores locais que tiveram algum contato com a rezadeira aqui em evidência, fazendo entrevistas gravadas com auxílio de questionário com base na história de vida de cada participante. Essa pesquisa encontra-se em apreciação no Comitê de Ética e Pesquisas da UFCG.

DESENVOLVIMENTO

Para que haja uma melhor compreensão desse tema dividimos essa parte na cultural onde fazemos uma abordagem sobre as práticas culturais locais, já que o ofício de rezar se trata de uma manifestação cultural com forte influência do misticismo religioso característico do catolicismo popular, e na parte social onde vamos apontar no contexto da época, bem como as dificuldades que eram enfrentadas pela população local o que ocasionou o surgimento do fenômeno da rezadeira.

Vida Cultural em Salgadinho

A cultura local, como em quase todo o território nacional é marcada pelo hibridismo entre práticas provenientes das diversas culturas que estiveram presentes na formação do Brasil como: a cultura indígena, a afro, e a européia, pois “quando desejamos compreender a cultura das classes percebemos que ela já está ligada à existência e à própria sobrevivência destas classes” (BOSI, 2008, p. 15), aqui reforça a atuação das rezadeiras como agentes da cultura que assegurava a existência de um povo por meio de seus conhecimentos e também como um ato de rebeldia do povo já que “uma cultura tradicional que é, ao mesmo tempo, *rebelde*” (THOMPSON, 1998, p. 19), pois as mesmas em uma sociedade em mutação para o moderno ousam manter viva sua tradição de cura por meio da fé e uso de ervas, no caso desse

trabalho estaremos falando sobre a classe popular, analisando um aspecto da cultura popular, é marcada pela religiosidade, sabemos que “Nas religiões muito rituais a presença do misticismo é comum, ou melhor, elas são religiões místicas” (MENDONÇA, 1984, p. 9), sendo assim temos aqui um hibridismo cultural presente no território de Salgadinho, pois, trataremos de uma prática que não é reconhecida pelo catolicismo romano oficial resultado da influencia dessas culturas que formaram nossa nação.

Em Salgadinho temos presente como principais manifestações culturais, as quadrilhas nas festas juninas, as festas dos santos padroeiros das diversas comunidades locais com as procissões em diferentes épocas do ano, a missa do vaqueiro que se tornou um evento religioso principal na festa de aniversário de emancipação da cidade.

Espalhado, pelo município temos como representante da cultura popular alguns repentistas e cantadores de versos; as parteiras, e as rezadeiras algumas ainda em atividade hoje, contadores de histórias, temos vários cruzeiros que inclusive se tornaram pontos de peregrinação em algumas épocas do ano como o conhecido cruzeiro do Bonfim dedicado a Nossa Senhora Aparecida, temos as novenas rezadas tanto nas diversas igrejas locais, como nas residências de moradores e antigamente tínhamos uma tradição de coco de roda que foi desaparecendo lentamente com o pós-modernismo. Em se tratando de personagens do folclore local temos o “Velho do saco”, usado pelos adultos para assustarem crianças, o “papa-figo” e o doido.

As comunidades de Olho d’Água e Bonfim da Batalha são conhecidas por suas histórias de aparecimento de fantasmas e assombrações, antigamente tínhamos várias histórias de botijas que são potes de ouro, dinheiro, ou jóias que eram enterrados pelos mais velhos e depois de sua morte a alma vinha mostrar a alguém o local para ser desenterrado, em algumas comunidades ainda é forte a tradição da malhação do Judas na semana santa, como em São José. Em se tratando de vida noturna tivemos o Hotel de dona Odete ponto conhecido antigamente como local de prostituição que teve grande movimentação durante o período de construção da linha férrea local.

As festas juninas são um capítulo a parte da vida cultural de Salgadinho-PB, pois além das festas realizadas pela comunidade local essa festa tem um forte aspecto familiar, pois elas costumam se reunir em torno da fogueira e além de comerem milho e churrasco esses moradores costumavam fazer simpatias relacionadas em alguns aspectos da vida cotidiana familiar, como adivinhar se o próximo ano iria ser bom de chuva, as meninas costumavam querer saber com quem vão se casar, os mais velhos querem saber se vão estar

vivos na próxima fogueira, em volta das fogueiras eles contam histórias, sendo esse um dos principais eventos da cultura popular salgadinhense. Temos aqui uma pequena síntese da vida cultural local.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Júlia Bezerra foi uma rezadeira que atuou no município de Salgadinho – PB, mais precisamente ela fixou residência na comunidade de Olho d’Água, zona rural do município, casou-se um pouco tarde com o senhor Sebastião Gomes de Araújo conhecido como Paizim Neco, ficando logo viúva ela criou filhos do primeiro casamento de seu marido que eram seus sobrinhos, contam os familiares que sua irmã antes de morrer pediu que ela cassasse com o seu marido e cuidasse de seus filhos, dona Júlia Neco, como ficou mais conhecida não teve filhos.

Segundo os familiares começou a rezar muito cedo, era neta de uma rezadeira, e filha de outra conhecida como Maria Santana Bezerra, foi com essa mulher que ela aprendeu a rezar e por ser a mais velha das irmãs ela teve facilidade de aprender mais, já que sua irmã Maria Bezerra, conhecida como Noquinha também era rezadeira, mais era considerada pela comunidade como uma rezadeira menos experiente que sua irmã, pois dona Júlia rezava de mais doenças que sua irmã, de uma forma que era bastante procurada como podemos perceber pelo relato de sua sobrinha Maria de Lourdes quando ela afirma que:

Vinha gente demais, na casa dela era cheia, cheia, era contado o dia que não tinha ninguém, quando dava fé chegava um carro e vinha de longe visse. Era de Taperoá, era de *Juazerim*, era do lado daqui (apontando) de Santa Luzia de todo canto, vinha gente de muitos cantos. (LIMA, 2019).

Dona Júlia não teve sua atuação restrita a rezar no lar, a mesma foi como uma sacerdotisa, num contexto onde o clero da Igreja Católica era ausente, dona Júlia atuou fazendo rezas, procissões, novenas, rezava a ladainha e rezava o ofício dos mortos nos velórios locais, por saber ler, ela tinha acesso a leitura da Bíblia, como podemos observar pelo relato da senhora Ester Mota quando ela diz “Quem chegar lá chamar na porta e ela rezar e dizer que as pessoas ia ficar boa e dava uma palavra de conforto agente saia de lá mais forte” (NOBERTO, 2019), essa era responsável pela leitura, já que muito dos moradores locais eram analfabetos, muitos viam nessa mulher a única fonte para a palavra de Deus, ela tinha diversos santos em sua casa, desde quadros a imagens, e também oratórios onde ela costumava fazer suas devoções pessoais e acender suas velas.

Ela foi umas das múltiplas mulheres sertanejas, com uma extensa rotina, pois era a mãe dedicada aos seus enteados, a dona de casa cuidando ao lar, agricultora labutando no roçado, a rezadeira sempre apta a deixar o que estava fazendo para atender o povo que lhe procurava e a sacerdotisa pronta para conduzir novenas, terços, procissões; é em busca das contribuições dessa mulher que iremos buscar, para revelar o outro lado da mulher sertaneja.

COM DOIS TE BUTARAM COM TRÊS EU TE TIRO: AS REZAS DE DONA JÚLIA.

Para que haja um melhor entendimento de nossa pesquisa dividimos essa parte, em três, na primeira iremos responder a seguinte pergunta: de que ela rezava? tentando fazer um levantamento das principais doenças populares que afligia a população local; na segunda iremos responder a seguinte pergunta, com que ela rezava? aqui buscaremos os usos desenvolvidos por Júlia Neco para chegar a cura; e por ultimo iremos responder a seguinte pergunta, quais eram suas rezas? Nessa parte iremos mergulhar fundo no universo mítico da rezadeira e nos depoimentos que usamos para construção de nossa pesquisa.

Bendita és tu entre as mulheres: as rezas-forte de Júlia Neco

Nesse ponto de nossa pesquisa podemos perceber como a oralidade é importante na formação da cultura local, pois tratamos aqui de um ofício que era aprendido pelo ouvir e que eram transmitidos de uma pessoa para outra, isso porque é na cultura dos povos iletrados que “a oralidade que toma corpo e foi através dela que a prática da reza foi transmitida de geração para geração, pois não há outra fonte que represente melhor suas práticas” (BARBOSA, 2016, p. 14). Já sobre as rezas, percebemos que essas fazem parte do cotidiano do povo sertanejo, pois nessa cultura que tem uma forte inclinação religiosa, essas orações são:

Súplicas dirigidas a Deus ou aos santos, segundo fórmulas que não devem ser usadas comumente [...] outras orações-fortes, ou estas mesmas, são rezadas em momentos de aflição extrema, como remédio salutar e supremo para a sua resolução. (CASCUDO, 2000, p. 550).

Sendo assim fazer um levantamento de que ela rezava é fundamental para entendermos a influência de Julia Neco, sobre essa prática temos o depoimento da senhora Rosemira Maria que afirma que ela rezava de “De “espinhela caída”, de “ventre caído”, de dor de cabeça, de “quebranto”, de “*uiado*” era isso. Eu fiquei curada de dor de cabeça, dor de ouvido. De ventre caído era nas crianças [que ela rezava]” (SOUSA, 2019), percebemos pelo depoimento citado

como era vasto o saber de Júlia Neco, pois para cada doença dessa era uma reza diferente que foi memorizada pela rezadeira durante o processo de aprendizado do ofício que foi herdado de sua mãe, de acordo com outros depoimentos chegou ao nosso conhecimento que ela rezava também de “sol e lua na cabeça”, de “espinhela caída” e de “peitos abertos” e “arcas emborcadas”, de “carne tríada” e “nervo torto”, rezava de “quebranto”, e “amorto”; e também rezava em roçados e animais doentes. Percebemos que são por essas variadas práticas de rezar que dona Júlia Neco será considerada pelos moradores locais como uma mulher de “reza-forte”.

Com o poder nas mãos: os instrumentos de cura

Pelo tópico anterior percebemos que era vasto o campo de doenças que eram curadas por Júlia Neco, e se eram vasto o campo de doenças também era vasto os usos, feitos por ela durante o processo de cura, pois para cada doença era um uso diferente, a senhora Maria Gorete quando perguntada sobre o que ela usava para rezar ela nos responde: “De “olhado” ela pegava um ramo, ramo de *bassorinha*, de pinhão” (OLIVEIRA, 2019), já de “sol e lua na cabeça” a senhora Efigênia Fernandes nos diz que ela:

pegava uma garrafinha d’água assim e dobrava uma toalha ai *butava* assim no *mei* da cabeça ai ela ficava rezando, rezando *oxe* chega subia aquela espuma assim dentro do vidro e agente sentia aquela *quintura* na cabeça era como fogo ai ela rezava com um vidro ela chega espalhava, ia espalhando e esfriando ai quando ela terminava de rezar a pessoa já ia esfriando.(SANTOS, 2019).

E dar continuidade falando sobre os usos de júlia Neco, quando ela rezava de dor de coluna, Efigenia nos relata que:

Ela guardava muita cinza da fogueira de senhor São João ai eu sei que ela pegava e amarrava uma *troxinha* de cinza, *saquim* de cinza era um *panim*, ela pegava um *panim* e *butava* a cinza dentro, amarrava e ficava batendo na cruz e rezando, era rezando e batendo nas costa dele, nas costelas assim ai pronto ele ficava bom. (SANTOS, 2019)

Já de “espinhela caída”, de “peitos abertos” e “arcas emborcadas” era o mesmo uso durante as rezas, como podemos perceber pelo depoimento de Maria Gorete “de “espinhela caída” eu rezei muito, ela media com um *cordãozim*, assim no braço (mostrando o braço), ai ela passava assim (mostrando a região abaixo dos seios), para mostrar se estava aberto; se tinha “arca emborcada e peito aberto”” (OLIVEIRA, 2019). De “ventre caído” que era uma doença comum nas crianças:

O “ventre caído” ela botava assim no *mei* da porta de perna pra cima ai eu sei que ela levantava e encostava até em cima as duas perninhas do menino, pegava assim ai encostava, ai ela levantava ai abaixava de novo, ai sei que levantava de novo, sei que levantava três *veis* o menino. A criança sente dor na barriga e a “*obra*” dele é verde da cor desse *bichim* ai (apontando para uma pia verde), é verdinha, chega fica esfarelada todinha esfarelada (SANTOS, 2019).

Muitas outras práticas se perderam no tempo, pois nossos entrevistados não lembram mais, e infelizmente os familiares de dona Júlia não deram continuidade a tradição da família de rezar, mesmo encontrando dona Ester que hoje é rezadeira que aprendeu com ela, a mesma não quis revelar suas rezas, pois segundo a crença, caso isso aconteça ela perde o poder.

Com a fé nos lábios: as rezas de Júlia Neco

Como eram diversas as doenças que eram rezadas por dona Júlia, acreditamos que muitas eram as rezas que eram feitas por ela no exercício do ofício, engraçado que ouvimos muito das pessoas entrevistadas que não se lembravam mais das rezas, mas as poucas que chegaram ao nosso conhecimento iremos descrever aqui. De “olhado” a reza era assim “com dois te butaram, com três eu te tiro com as três pessoas da santíssima trindade, é Pai, Filho, Espírito Santo; amém” (OLIVEIRA, 2019), essa era uma reza freqüente pequena e fácil de decorar por isso foi facilmente memorizada e chegou até nosso conhecimento, lembrando que essa repetição era acompanhada de outras orações como o Pai Nosso e a Ave Maria.

Já de “espinhela caída”, “arcas emborcada” e “peito aberto” embora as pessoas tendo rezado muitas vezes não memorizaram a oração por completo, pois ela é mais longa, mais como dona Júlia tinha o hábito de fazer um saquinho com a oração, e pedir para a pessoa pendurar no pescoço, a senhora Maria Gorete conservou um saquinho desse e nos permitiu abrir e no papel estava escrito uma oração que dizia assim;

Louvido seja nosso senhor Jesus Cristo, para sempre seja louvado nossa mãe Maria santíssima.

Oração milagrosa. Quando Deus no mundo andou, muitas doenças ele curou, arca e espinhela caída Jesus Cristo levantou *ou* vinde mãe Imaculada levantai as arcas e espinhelas de Maria, peito rendido Jesus Cristo levantou *ou* vinde mãe Imaculada levantai a espinhela de Maria com o poder de Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo, deixando Maria salva, sã, e curada.

Assim como estava Jesus no ventre da Virgem Imaculada. Amém (BEZERRA, 1990).

Embora nos pareça estranho nos dias atuais essa prática de atar orações ao corpo era bastante comum na época como observamos pela descrição de Câmara Cascudo quando ele diz que “As orações-fortes são trazidas ao pescoço, num saquinho cozido” (CASCUDO, 2000, p. 550), e tivemos graças a esse tipo de uso a conservação total de uma das orações feitas por dona Júlia.

As demais orações não nos chegou a nosso conhecimento, infelizmente muito desses saberes tem sido esquecidos com o passar do tempo, mas com aquilo que resgatamos esperamos poder conservar um pouco dessas tradições.

AS REPRESENTAÇÕES DA REZADEIRA PELA COMUNIDADE

Trazer a nossa pesquisa as representações feitas pelo povo da comunidade sobre a atuação de Júlia Neco se torna de extrema importância, pois;

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sócias, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos as suas escolhas e condutas (CHARTIER, 1988, p. 17).

Sendo assim trazer ao nosso texto esses depoimentos se faz importante, pois iremos perceber como ela era vista pela comunidade local, é assim entendermos como foi que uma mulher sertaneja convivendo em um espaço e cultura tipicamente machista que marginalizava a mulher conquistou o seu espaço de poder. Esse aspecto da vida de Júlia Neco pode ser percebido no depoimento da senhora Lourdes Lima quando na entrevista ela nos relatou que:

(...), me atacou uma dor de dente que só faltava eu correr, ai eu fui, *botei* um pano na cabeça e sai chorando pra lá, eu fui, eu cheguei lá ela disse: Minha *fia* o que foi. Eu disse: É um dente madrinha Julia doendo, eu chamava ela de madrinha, ela era minha madrinha, era tia, madrinha e comadre, ela era madrinha de Roseane... Ai eu dizia: é um dente madrinha Julia doendo eu estou sem suportar! Ai ela: Chegue minha *fia* pra *cá* deixe eu rezar, ela era rezando e com a mão em cima do dente (Colocando a mão no queixo) o dente *vei* chega pulava (LIMA, 2019).

Percebemos aqui que em um contexto de falta e acesso, no caso de um tratamento dentário adequado quando se percebeu sofrendo com dor de dente foi a rezadeira que Lourdes recorreu, ela dar prosseguimento ao seu depoimento e nos diz que:

Ela perguntava, você quer que eu reze pra ele *miorar*, ou reze pra ele se quebrar, eu disse: ah! Madrinha Julia reze logo pra esse danado se quebrar (risos) porque do jeito que ele está me *aperriando assa* noite eu não *durmi* nadinha, ai ela *oxe* ai ela

rezou pra se quebrar, mas Ivo ai pronto passou mais um coisinha? Ta passando. Ai ela foi: se deite ai um *pedacim* na cama (olhos lacrimejando) ai eu me deitava ai *oxe*, eu dormi um *sonim*, eu dormi um *cochilim* quando me levantei, *oxe* o dente tinha passado eu já vim embora pra cá mais alegre, mais contente ai quando foi com poucos dias ele inchou, parou de doer, ai eu fiquei com o queixo alto (gesticulando com a mão o jeito do inchaço) e o outro baixo, ai quando ele desinchou, pois, esse dente se quebrou *todim*, ficou só os farelos num ficou nenhum caco se quebrou *todim* que ela rezou a reza dela era forte se quebrou *todim*. (LIMA, 2019).

Percebemos na fala de nossa depoente dois momentos distintos um do outro, o primeiro quando ela vai a casa de Júlia Neco doente sofrendo por causa de uma dor de dente, e o segundo onde ela após receber uma reza da mesma já retorna a sua casa, aliviada e segundo ela mais feliz, isso demonstra como era forte a crença popular na comunidade local na reza de dona Júlia Neco. Já a senhora Efigênia nos conta que em um momento de dificuldade recorreu ao saber dessa rezadeira fato que se deu assim:

A “*tirisa*” fica amarelo *todim*, não é só os olhos, fica *todim* amarelo, ai ela mandava, olhe Vavá teve ai eu fui lá pra madrinha Júlia rezar ai ela rezou ai disse: ai você chegar em casa, você pega um ovo e quebre a cabeçinha dele ai tire esse ingrediente, que tinha dentro sabe? A gema e clara e tudo, ai você tira, ai pegue a primeira urina que ele urinar, ai só é *butar* dentro ai enrole num *panim* assim e bota num *cordãozim* e bote no fumeiro [chaminé da casa] ai bote assim na telha, na ripa pra levar assim a *quintura* do fogo de lenha *né*, porque ela disse: quando a urina secar esse, do ovo ai ele melhora, ele fica bom, ai quando secou a urina dele, do ovo ai ele ficou *bonzim*. Ai ela disse: e dê também um *chazim* de *urinana*, também que é bom. Aquela o entrecasca do coco também é bom, a raiz do coco catolé tudo isso era bom, tudo ela ensinava, sempre ela ensinava uns *remedim* também. (SANTOS, 2019).

Percebemos no relato de dona Efigênia como era amplo o saber dessa mulher, que não se limitava a rezar, mas também a indicar o uso de ervas para chás que era utilizado pela mãe da criança após as orações serem feitas por dona Júlia e no fim do depoimento temos o motivo dela ser muito procurada pelos populares, ela ia muito além da reza para aliviar os sofrimentos das pessoas que procuravam seus saber.

E não se limitava a rezar só em pessoas como podemos perceber pelo relato da senhora Gorete;

Rezou muito aqui em casa, foi no gado, ai teve uma vez que agente achou que tinha sido cobra e ela rezou, e muitas vezes meu pai chamava ela pra rezar aqui no terreno pra afastar as cobras pra soltar os bichos e ela rezava e graças à Deus as cobras não pegava não. Ivo a finada madrinha Julia Neco se

tocasse fogo, às vezes o pasto num pega fogo? incêndio? Após ela apagava o fogo com a reza, ela apagava o fogo, a madrinha Julia Neco. (OLIVEIRA, 2019).

Os seus cuidados se estendiam também não só aos animais, mas as plantações, pois ela usava sua reza para combater as pragas, e os incêndios que era uma ocorrência na vida do cotidiano do homem do campo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dona Júlia Neco foi uma das varias mulheres que povoaram no município de Salgadinho que conseguiu quebrar com aquela imagem tradicional da mulher sertaneja, com a vida restrita ao lar e voltada para a família, como nossa pesquisa buscou demonstrar, era muito procurada até por pessoas de outros municípios, percebemos aqui que as mulheres são sim produtoras de suas histórias, e modificadoras do meio em que estão inseridas, ela foi uma mulher que buscou por meio do conhecimento de rezas e usos de ervas, aliviar os sofrimentos de um povo que estava excluído por parte dos governantes.

Embora nossa pesquisa preencha uma lacuna pequena temos que reconhecer que muitas sugeriram a partir dela, pois na memória local que é muita seletiva muita coisa já não é representada, mas entendemos que isso faz parte da vivencia humana.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes: **Usos e Abusos da História Oral**. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

ANDRADE, Maristela Oliveira de. **Cultura e Tradição Nordestina: ensaios de história cultural e intelectual**: João Pessoa, Ed. Manufatura/ Fundação João Fernandes da Cunha, 2000.

BARCELOS, Lusival: **Práticas educativos-religiosas dos Potiguaras da Paraíba**: Editora da UFPB, 2014.

BOSI, Ecleá: **Cultura de massa e cultura popular: leituras de operários**. 12. Ed. Vozes, 2008.

_____: **Memória e Sociedade: Lembrança de velhos**; 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BURKE, Peter: **Variedade de História Cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CASCUDO, Luis da Câmara: **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 8 ed. São Paulo: Global, 2000.

CHARTIER, Roger: **A História Cultural Entre Práticas e Representações**; Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL, 1990.

HALBWACHS, Maurice: **A Memória Coletiva**; tradução de Beatriz Sidou; São Paulo: Centauro, 2003.

LE GOFF, Jacques: **História e Memória**; tradução de Bernardo Leitão... [et al.]. 5 ed, Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2003.

MENDONÇA, Antônio G. *et al.* **Religiosidade Popular e Misticismo no Brasil**. São Paulo: Ed, Paulinas, 1984.

PERROT, Michele: **Os Excluídos da História: Operários, mulheres e prisioneiros**; tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____: **Minha História das Mulheres**; tradução de Angela M. S. Côrrea. 2 ed, São Paulo: Contexto, 2016.

SANTANA, Flávio Carrero de, MONTEIRO, Luíra Freire (orgs.). **História: leituras do passado, escrita do presente**, João Pessoa: Ideia, 2016.

THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

FONTES ORAIS

BEZERRA, Ana: ENTREVISTA CONCEDIDA AO AUTOR.

LIMA, Maria de Lurdes dos Santos: ENTREVISTA CONCEDIDA AO AUTOR.

NOBERTO, Ester Mota de Farias: ENTREVISTA CONCEDIDA AO AUTOR.

OLIVEIRA, Maria Gorete Fernandes: ENTREVISTA CONCEDIDA AO AUTOR.

SANTOS, Efigênia Fernandes dos: ENTREVISTA CONCEDIDA AO AUTOR.

SOUSA, Rosemira Maria de: ENTREVISTA CONCEDIDA AO AUTOR.